

XXII SEMANA DE HISTÓRIA

História e Resistência:
pesquisas e debates
sobre as experiências de resistência
no Nordeste



REGULANDO OS MODOS DO SER MULHER ATRAVÉS DO VESTIR: FARDAMENTO DO COLÉGIO SANTA TERESA DE JESUS ENQUANTO MECANISMO DE CONTROLE E DISCIPLINA DO CORPO.

Jéssica Mylena de Oliveira Serafim¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar o uso do fardamento do privado colégio cratense Santa Teresa de Jesus – destinado à educação exclusivamente feminina até o final década de 70 – como um mecanismo de controle e disciplina do corpo. Esta análise se deu amparada pelo arcabouço teórico em torno, principalmente, da discursão fornecida por autores como o filósofo Michel Foucault (1987) e a historiadora Michelle Perrot (2019). Dessa forma, utilizamos como fonte, os relatos de memória de ex-alunas e fotografias presente no livro *“História e Memória de Tempo Felizes”*, publicado em 2015 e organizado por Eleonora de Albuquerque Batista. Esta obra, refere-se a uma coletânea composta de história, imagens e relatos de ex-alunas, padres e religiosas sobre a criação, finalidade e funcionamento do colégio. No entanto, as referências sobre o fardamento do colégio, será nosso principal ponto de reflexão, tendo em vista que é um elemento recorrentemente evocado e valorizado entre as variadas experiências vivenciadas pelas ex-estudantes na instituição e que corroboram para a constatação da hipótese de que o uniforme funcionava como um regulador dos modos do ser mulher naquela época.

Palavras-chave: Fardamento. Disciplina. Controle do corpo.

1. Introdução

A fundação do colégio Santa Teresa de Jesus, em 1923, resulta-se dos empreendimentos educacionais ligados à Igreja Católica que pretendia orientar e disciplinar às mulheres quanto a uma conduta social modelo (CORTEZ, 2000), em meio as campanhas destinadas a naturalização e docilização do comportamento de homens e, sobretudo, das mulheres no Brasil que seria “civilizado e moderno” do início do século XX (PINSKY, 2012).

O colégio foi idealizado pelo Bispo Dom Quintino e Silva, com a finalidade de ser a primeira instituição no interior do Sul do Ceará dedicada a atender as demandas da instrução feminina das moças do Crato e regiões vizinhas. Enquanto instituição privada, possuía mensalidades, testes de admissão e funcionava nas modalidades de internato, semi-internato e externato, ofertando os cursos primário, secundário e o curso Normal para formação de professoras.

Segundo a historiadora Paula Santos (2010), a implementação desse colégio no Crato, proporcionou o processo de escolarização da mulher no Cariri, ofertando uma “melhor formação” para elas, do ponto de vista de uma cultura

1 Universidade Regional do Cariri, email: serafim.jessica@urca.br

História e Resistência:
pesquisas e debates
sobre as experiências de resistência
no Nordeste

² A partir daqui usaremos a sigla CSTJ para denominar o Colégio Santa Teresa de Jesus.

XXII SEMANA DE HISTÓRIA

História e Resistência:
pesquisas e debates
sobre as experiências de resistência
no Nordeste



Organizadores:

capítulo três *Memórias Fotográficas*, quais imagens poderiam ser usadas como fonte.

Desse modo, selecionamos dois relatos, sendo eles *O colégio que eu conheci*, de Maria Lisieux e *Lembranças*, de Diana de Albuquerque Pierre e duas fotografias, *Turma de 1933 pronta para sair com chapéu* e *Turma do 2º científico de 1960*. Após essa seleção, buscamos identificar nos relatos e nas fotografias como o uniforme era utilizado como um mecanismo de controle e disciplina do corpo feminino das estudantes do CSTJ. Nesse sentido, foi possível analisar quais eram os tipos de uniforme, quais eram as normas em relação a sua utilização e qual sua relação com os modos e ideais do ser mulher no século XX.

4. Resultados

Descrito sempre de forma detalhada, seguido de momentos em que deveria ser vestido, o uniforme aparece nas memórias das ex-alunas como um vestuário fortemente associado a ideia de tradição, distinção e, como podemos observar, de um mecanismo de disciplina e controle do corpo (FOUCAULT, 1987). Em relação aos modelos, observemos

Usávamos dois modelos de farda: a da diária; saia de pregas, cor vinho em linho, blusa branca de mangas longas; a de gala, para ocasiões especiais, saia de pregas, azul marinho em linho e blusa branca de cambraia de linho, mangas longas, com umas pregas e uma fita de gorgorão azul marinho e um gorro na cabeça também azul. (PIERRE, 2015, p.138).

Identificamos que uso desses fardamentos era rigorosamente vigilado. Constatamos a partir do relato de madre Aurélia que existia irmãs dedicadas a vigilância da organização e do asseio desses trajes. Ainda na entrada do colégio as alunas eram revistadas “para a verificação de quem estava realmente de acordo com a disciplina” (LIZIEUX, 2015, p.175) e de forma ainda mais estrita, havia uma avaliação mensal de organização e polidez, onde as notas eram lidas em público (PIERRE, 2015, p.175), efetivando assim, coerção (FOUCAULT, 1987), ridicularização pública, vergonha e distinção entre as alunas.

Figura 1: “Turma do 2º Científico de 1960”.



XXII SEMANA DE HISTÓRIA

História e Resistência:
pesquisas e debates
sobre as experiências de resistência
no Nordeste



Fonte: Livro História e Memória de Tempo Felizes, 2015, p.213.

Figura 2: “Turma 1933 prontas para sair com chapéu”.



Fonte: Livro História e Memória de Tempos Felizes, 2015, p.208.

Na figura 1, as alunas estão vestidas com o fardamento diário, usado no cotidiano da escola. Na figura 2, estão vestidas com o fardamento de gala, usado apenas em ocasiões especiais. Como podemos notar nas duas imagens, principalmente na figura 1, quase todas as alunas estão com muita seriedade, pois ao usar o fardamento deviam se coibir de manifestações de extravagância, frivolidade, luxo e vaidade. Além disso, deviam ser inibidas de acompanhar a moda no vestir-se, devendo manter uma aparência cuidada, agradável, limpa e saudável, mas desprendida de mundanidade” (WERLE, 2005, p.630).

Portanto, as saias, as blusas, as meias longas e até mesmo a cor dos tecidos dos fardamentos, estavam longe de serem apenas meros ornamentos. Permeados de significados, esse conjunto de características dos uniformes estavam ligadas aos aspectos que aquelas moças deveriam ter e respeitar, como por exemplo, a distinção, a inocência, o recato e, principalmente, pureza.

Percebemos que em cada instante do cotidiano escolar, até mesmo na hora do banho, havia o controle do corpo das alunas através dos trajes, até existia um vestuário chamado de “camisolão” para tomar banho (CORTEZ, 2000), mesmo sendo supervisionadas pelas mães. O olhar vigilante (FOUCAULT, 1987), verificava além da sujeira do corpo, a indecência que o corpo nu representava se deixasse ser exibido pelas moças, pois o corpo é considerado um convite ao pecado (PERROT, 2019) e, portanto, deveria estar sempre coberto.

Além dos uniformes diário e o de gala, outras práticas disciplinares ligadas ao uso de fardamentos femininos foram encontradas, como a exigência do uso de modelos de vestidos abaixo do joelho na educação física. Porém, pelo trabalho não comportar, não foi possível explorá-las, mas que não deixam de serem importantes para compreender os significados simbólicos entorno deles na formação dessas jovens.

XXII SEMANA DE HISTÓRIA

História e Resistência:
pesquisas e debates
sobre as experiências de resistência
no Nordeste



Diante dos relatos e das fotografias, fica claro que existia o controle dos corpos femininos por meio do uso do uniforme escolar e quando não cumprido as normativas, as alunas eram punidas (FOUCAULT, 1987), ou seja, averiguamos que o fardamento do CSTJ, funcionava como um princípio de coerção para que as alunas fossem disciplinadas ao ideal de mulher estabelecido pelas normas sociais da época e que foram “recodificada na pedagogia do colégio” (FOUCAULT, 1988) Santa Teresa de Jesus.

5. Conclusão

Diante da análise dos relatos de memória das ex-estudantes do Colégio Santa Teresa de Jesus, constatamos que o fardamento funcionava enquanto um mecanismo de controle e disciplina do corpo feminino aos modos e ideais do ser mulher na sociedade da época. Desde do seu modelo, tipos, tamanhos, cor e vigilância, percebemos a relação com aquilo que Foucault (1987) denominou de ferramentas que norteiam todo o processo de construção e normatização das condutas dos indivíduos, no nosso caso das alunas do CSTJ.

Portanto, ficou evidente que o fardamento do CSTJ estava para além de um simples fardamento escolar, pois carregava no seus modelos e usos, a função de um mecanismo elaborado para modelar e preparar as alunas da instituição para o cumprimento dos seus papéis sociais.

6. Referências

- ALBUQUERQUE, Eleonora. **História e Memória de Tempo Felizes**. 1a edição. Crato: Editora A Província: 2015.
- CORTEZ, Antonia Otonite de Oliveira. **A construção da “Cidade da Cultura”: Crato (1889-1960)**. UFRJ, Rio de Janeiro: 2000. Dissertação de Mestrado.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- PERROT, Michelle. **As práticas da memória feminina**. In: **Revista Brasileira de História**, v.9 (18), p. 9-18, 1989.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Côrrea. – 2ª de., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.
- SANTOS, Paula Cristiane de Lyra. **Católicos no Cariri: embates em torno da formação cristã (1860-1965)**. UFC, Fortaleza: 2010. Tese. Disponível in: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3172>.
- WERLE, Flávia Obino Corrêa. **Feminização do magistério como estratégia de expansão da Instrução Pública**. Revista de Educação Pública, Cuiabá, v. 5, n. 7, p. 230- 243, 1996.